

(IM)POSSIBILIDADES DA VIDA

RODRIGO GOUVÊA

Psicólogo, pós-graduado em psicologia junguiana e especializando em Terapia de família e casal pela PUC-Rio.

Zapear com o controle remoto e me deparar com o filme *As coisas impossíveis do amor*, baseado no livro de Ayelet Waldman e estrelado por Natalie Portman (vencedora do Oscar por *Cisne Negro*), Scott Cohen, Charlie Tahan e Lisa Kudrow (ex-Friends), me fez ter uma surpresa e refletir sobre traição, recasamento, parentalidade, inveja, luto... sobre família.

Com o título original “The other woman” (em português, “A outra mulher”), o filme traz os conflitos vividos por Emilia Greenleaf (Portman), uma advogada, casada com Jack (Cohen), cujo relacionamento começa quando este ainda era casado com Carolyn (Kudrow).

Do primeiro casamento existe William (Tahan), um menino inteligente e solitário de 8 anos de idade, que parece dividido a gostar ou não da madrasta, estando contra ou a favor de sua mãe, demonstrando, portanto, grande hostilidade por esta nova situação. Não parece haver regras claras na cabeça do menino, que ora está com um, ora com outro, sem saber a quem agradecer ou que realmente pode fazer.

Logo no início do filme, o diretor nos mostra Emilia como “destruidora de lares”, onde, ao ir buscar o enteado na escola, as mães a olham como possível perigo. A antiga esposa, Carolyn, é tida como “megera” durante grande parte do filme, mas frente à família e casamento destruídos pelo envolvimento de Jack, parece ser uma reação comum culpar “a outra”, ser tomada de forte rancor e não perdoar os dois.

O novo casal perde um bebê, chamada de Isabel, três dias após o seu nascimento, morrendo no colo da mãe. Emilia, portanto, passa a lidar com o luto, a culpa pela morte da filha, os problemas no casamento, a dificuldade no relacionamento afetivo com William, a presença da ex-esposa de seu marido, além da própria relação com seus pais.

Alguns fatos mostram indícios de que a parentalidade e o luto não trabalhado provocou o esvaziamento da conjugalidade. Temos em Magalhães (2010, p. 209):

Consideramos que a conjugalidade e parentalidade desafiam a autonomia e a maturidade emocional dos parceiros. Essas dimensões são estruturadas nessa área intermediária do psiquismo humano e dependem intrinsecamente das trocas intersubjetivas. E a saúde emocional da família depende, em grande medida, do estabelecimento de uma discriminação suficientemente boa entre essas dimensões subjetivas.

O casal deixa de se ver como casal, afetando o sexo, as conversas e o ânimo. Perder um filho e sentir culpa por sua morte devasta Emilia, provocando a derrocada de seu casamento e relações sociais.

A morte de crianças pode trazer um tipo de sofrimento ligado à perda das expectativas, desejos e fantasias. Uma sensação de frustração e/ou incapacidade marca principalmente os pais, e os relacionamentos podem ser deteriorados como reação à perda. O mundo se torna sem vida e sem cor, e a protagonista tem um tom amargo e ríspido na sua fala e no trato com os outros, além de grande

dificuldade em se desfazer dos objetos da bebê. Em um trabalho psicanalítico, Mandelbaum (2002, p. 99-100) pontua:

A reação diante da perda é situação privilegiada de estudo do entrelaçamento entre o mundo interno e a estrutura familiar. O trabalho de elaboração do luto mobiliza toda a dinâmica de projeções e introjeções de objetos estabelecida até o advento da perda, tanto no nível interno de cada membro, quanto em toda a extensão do grupo familiar. Na perda de um elemento, toda a estrutura tem que se rearranjar. É por isso que, pelo impacto da perda, cria-se uma situação privilegiada para observarmos a maleabilidade da estrutura familiar e sua possibilidade de reorganizar-se em uma nova realidade.

Conflitos aparecem a todo momento, e Jack, por exemplo, tenta apaziguar toda situação, mas sem êxito, e é notório a sensação de desgaste ao longo da obra, tendo que cuidar de sua esposa lidando com a morte, educar seu filho, administrar a relação com a ex-esposa e vivenciar seu próprio luto.

A relação madrasta e enteado é a base do filme, e os diálogos de destaque acontecem entre eles. No início pensamos que William é apenas um menino mimado, implicando com a nova esposa do pai, mas logo descobrimos que ele apenas tenta se adaptar e elaborar seu próprio luto em relação à perda da irmã e também em relação à conjugalidade de seus pais.

A história do casamento de Emilia parece com a situação do seu próprio pai, divorciado e casado com sua secretária, mãe de Emilia. A relação entre eles é não resolvida, devido à sua infidelidade e ao sentimento de que este não traiu só sua mãe, mas também a ela e assim, mais uma perda não elaborada. Parece que os conflitos vividos por ela provocam uma revisão na relação com seu pai, já que este é projetado no seu marido, algo denunciado pelo próprio Jack.

Uma família recasada necessita administrar diversos fatores, como bem escreveu McGoldrick e Carter (1995, p. 346):

... a “intimidade instantânea” que as famílias recasadas esperam de si mesmas é impossível de obter, e os novos relacionamentos são ainda mais difíceis de negociar, uma vez que não se desenvolvem lentamente, como nas famílias intactas, mas começam no meio do caminho, depois que o ciclo de vida de uma outra família foi deslocado. Naturalmente, as segundas famílias carregam as cicatrizes das primeiras. Nem os pais, nem os filhos, nem os avós podem esquecer os relacionamentos que existiram antes. Os filhos jamais desistem de seu apego ao primeiro progenitor, por mais negativo que esse relacionamento tenha sido ou ainda seja. Ter a paciência para tolerar a ambiguidade da situação e conceder um ao outro o espaço e o tempo para os sentimentos acerca de relacionamentos passados é crucial para o processo de constituir uma família recasada.

Não pretendo contar o final do filme, mas o alívio da culpa parece colocar Emilia de volta a vida e adiante que o amor vence, já que as impossibilidades ou possibilidades de vivenciá-lo ficam registradas nas cenas finais, onde a esperança e o perdão tomam o lugar da culpa e do medo e novos caminhos se abrem para todas as personagens.

Não há mocinhos ou vilões nesta história, apenas as relações e interações humanas acontecendo de maneira peculiar e verdadeira. Assim como chegam os pacientes, casais e famílias em nossos consultórios, as atitudes certas ou erradas são deixadas de lado, revelando as demandas e limitações de cada um, enfrentando a morte, o novo, as escolhas do outro, o amor e o lidar com as dificuldades naturais da vida.

O filme foi lançado após dois anos de concluído, com espaço limitado nos Estados Unidos e chegando apenas em DVD ao Brasil. Considero uma pena, pois o filme foge das abordagens típicas ao falar principalmente de relacionamentos interpessoais e a perda de um recém-nascido afetando todos que estão ao entorno, além de uma belíssima e sincera atuação de Portman e Tahan. Vale a pena conferir!

REFERÊNCIAS

Magalhães, A. S. Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In: T. Féres-Carneiro (Org.). (2010). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 203-217.

Mandelbaum, B. (2002). O impacto da perda em uma família: considerações psicanalíticas. In: M. L. Agostinho, & T. M. Sanchez (Org.). *Família: conflitos, reflexões e intervenções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 91-109.

McGoldrick, M., & **Carter**, B. (Org.). (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Filme:

As coisas impossíveis do amor. Direção: Don Roos. Produção: Marc Platt, baseado no livro de Ayelet Waldman: Incentive Filmed Entertainment. Estados Unidos, 2011. DVD (102 min), NTSC, color. Título Original: The other woman.